

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**Conflito Rússia-Ucrânia:
as capacidades russas no Mar Negro**

ESTE E OUTROS 10 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 196 • 09 de fevereiro de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Frota Naval Russa](#)

Por: Ministério da Defesa da Rússia

Fonte: Wikimedia

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (PUC-Rio)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Manguiera (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

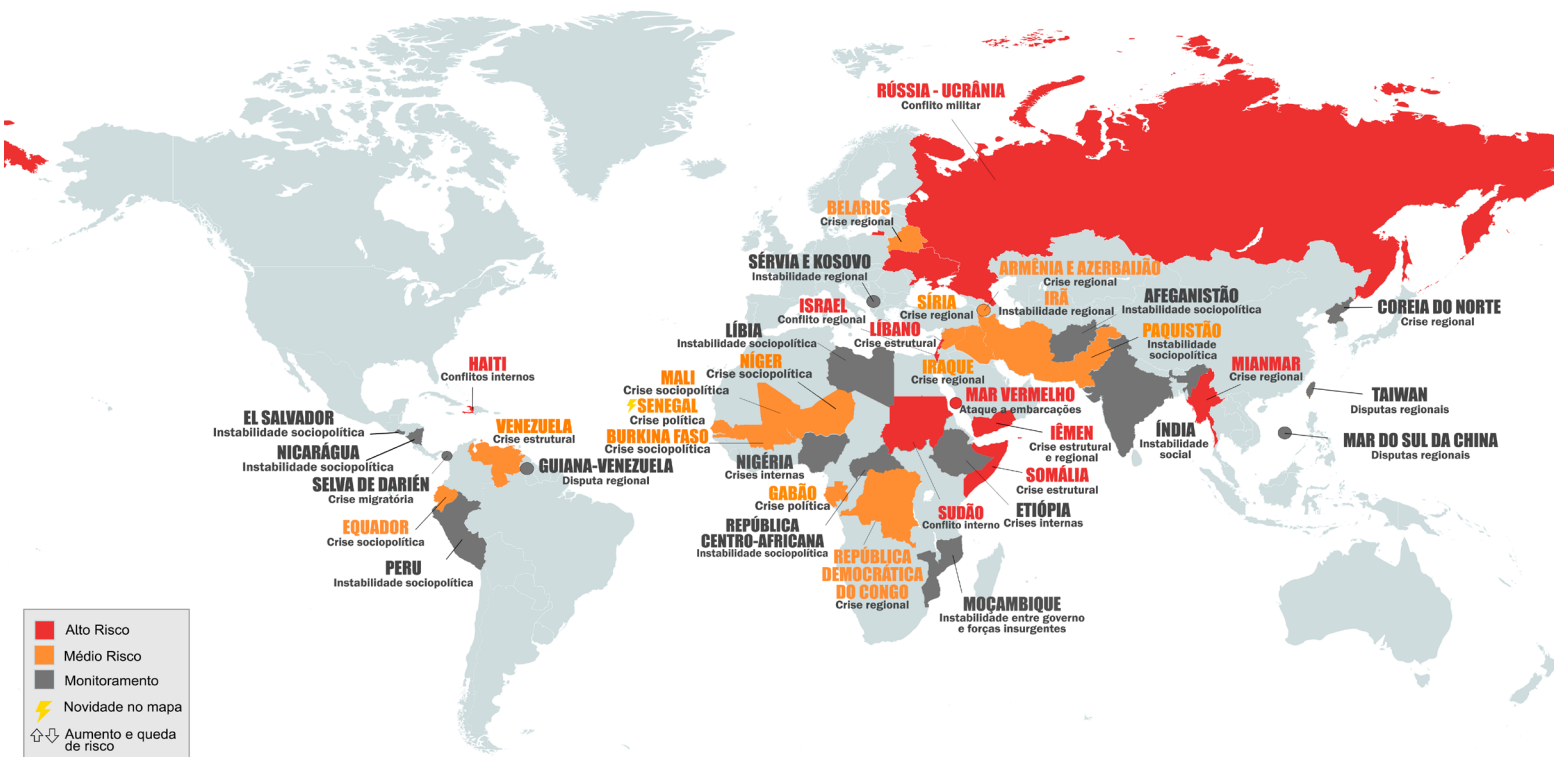


SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
A crise de segurança no Equador	5	Uma leitura geopolítica das eleições taiwanesas.....	12
O ambicioso fortalecimento do Sistema de Defesa Nacional da Colômbia em 2024.....	6	Disputa sob as ondas e os interesses chineses no leito oceânico.....	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
As perspectivas econômicas de Cuba	7	Resultados eleitorais em Bangladesh: a jornada tumultuada da política bengali e a Liga Awami	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
O papel da Marinha da Namíbia no Atlântico Sul.....	8	Nova estação antártica indiana: alcance de capacidades tecnológicas nacionais	15
EUROPA			
Instabilidades na Sérvia e a complexa arena geopolítica dos Balcãs	9		
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA			
Novo momento no Oriente Médio: “retorno” do Estado Islâmico após período de contenção	10		
RÚSSIA & Ex-URSS			
Conflito Rússia-Ucrânia: as capacidades russas no Mar Negro	11	Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....	16
		Calendário Geocorrente.....	16
		Referências.....	17
		Mapa de Riscos.....	18

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

A crise de segurança no Equador

Bruna da Silveira Eloy

No início de janeiro de 2024, o Equador foi assolado por uma série de eventos violentos, como sequestros de policiais, a invasão de um canal de televisão, a fuga de líderes criminosos das prisões e incursões de grupos armados em universidades. Esses acontecimentos levaram o Presidente Daniel Noboa a declarar oficialmente a existência de um “conflito armado interno” no país e designar as Forças Armadas para o combate aos grupos associados ao tráfico de drogas e ao crime organizado, como uma estratégia de militarização. Diante disso, questiona-se: quais são os desafios e as implicações dessa estratégia, e quais outros fatores impulsionaram essa crise?

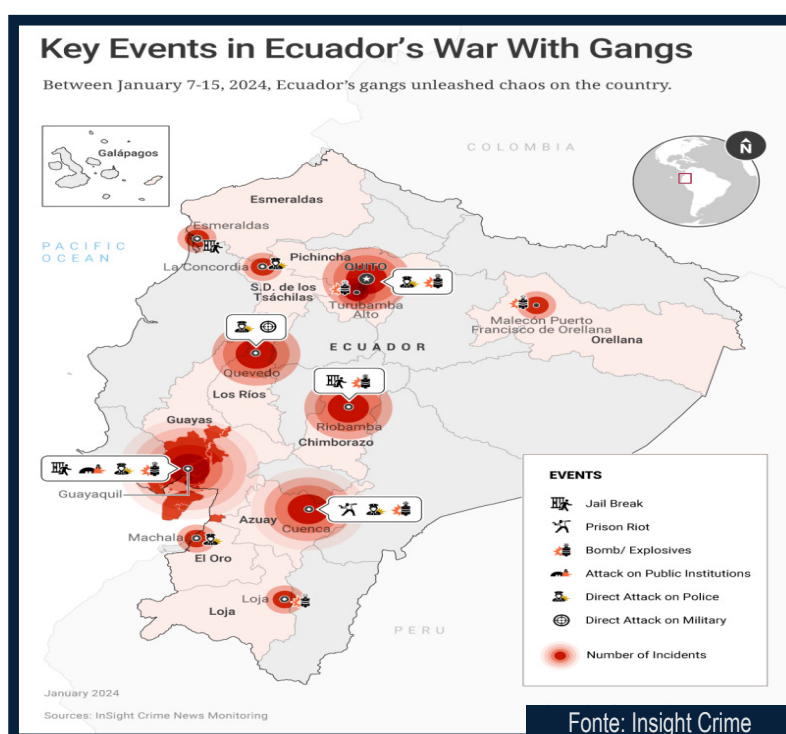
Nos últimos anos, o Equador tem enfrentado uma escalada de insegurança, marcada por altas taxas de homicídios. Segundo o Observatório Equatoriano do Crime Organizado (OEEO), em 2023 o país registrou um recorde de 7.878 homicídios, em contraste com as 1.187 ocorrências em 2019, posicionando o país como o mais violento da América do Sul, com uma taxa de 45 homicídios por 100 mil habitantes.

A estratégia de militarização não é exclusividade equatoriana: países como Colômbia e México também enfrentam desafios similares. A pressão histórica dos Estados Unidos da América (EUA), fundamentada na percepção de fragilidade nos sistemas de justiça e de segurança pública, tem motivado a recorrência

do emprego das Forças Armadas para manutenção da ordem pública. Esse fenômeno se evidencia diante da incapacidade estatal de conter o avanço do tráfico de drogas, pela classificação desses grupos criminosos como terroristas e pela violência dos cartéis. Além disso, observa-se a internacionalização das organizações criminosas, sobretudo as de origem colombiana e mexicana. A crescente sofisticação desses grupos, exemplificados pelos *Los Choneros*, e seus vínculos com o Cartel de Sinaloa, do México, indicam uma dinâmica complexa, que transcende fronteiras.

Ademais, a fragilidade institucional em várias instâncias do governo, caracterizada pela corrupção, pela dissolução do Congresso em maio de 2023 ([Boletim 183](#)) e pelo assassinato do candidato à presidência Fernando Villavicencio em agosto do mesmo ano, agravam o desafio de combater eficazmente essas estruturas criminosas, devido às dificuldades de coordenação interna.

Em síntese, a militarização emerge como resposta imperativa à crise de segurança no Equador, porém sua eficácia permanece incerta diante da complexidade do cenário. Além dessa abordagem, é essencial a coordenação de esforços, reformas internas e cooperação internacional para superar causas estruturais subjacentes, como a presença de grupos criminosos internacionais e a fragilidade institucional.



O ambicioso fortalecimento do Sistema de Defesa Nacional da Colômbia em 2024

Gabriel Augusto

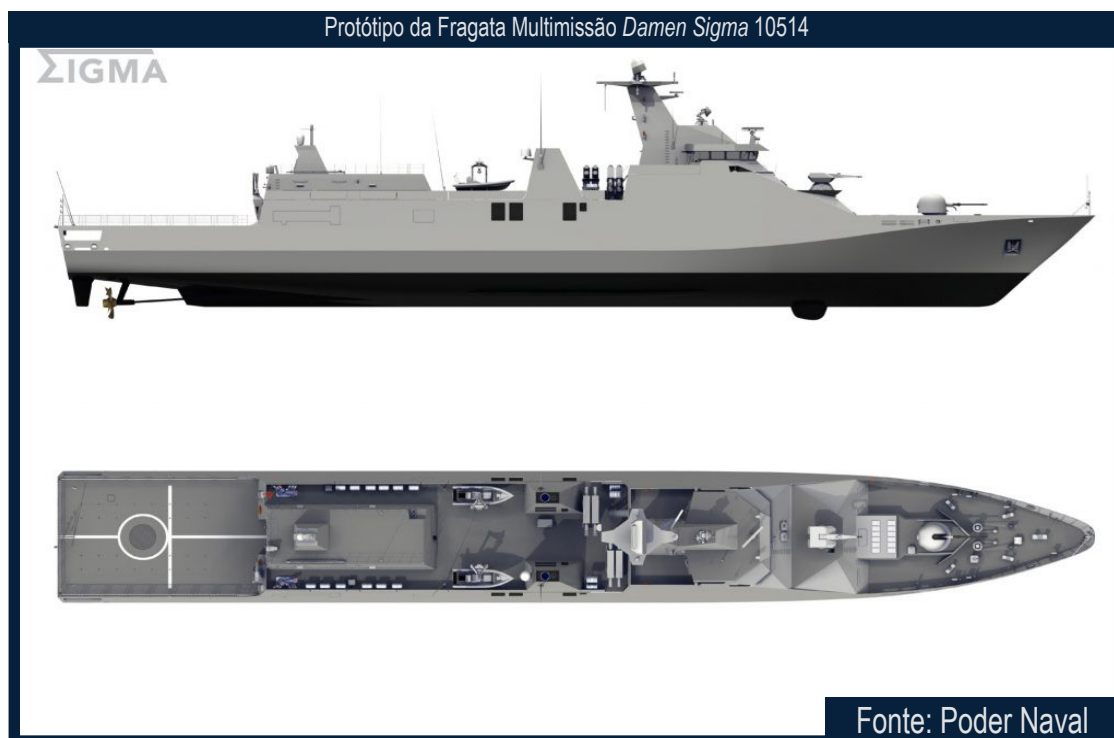
A Colômbia, desde o início da administração do Presidente Gustavo Petro, em agosto de 2022, está direcionando seus esforços para atingir patamares expressivos em seu poderio militar. A partir do projeto de materialização do Sistema Integral de Defesa Nacional (Siden) – que visa coordenar as ações das Forças Armadas e desenvolver capacidades estratégicas a médio e longo prazo para enfrentar dificuldades operacionais em Defesa e Segurança Nacional –, o país projeta, até 2024, concretizar integralmente seus diferentes componentes militares. O projeto, de aproximadamente US\$ 1.136 bilhão, conta com a construção de uma fragata leve e de um sistema de artilharia autopropulsado. No entanto, essa modernização não ocorre isoladamente, relacionando-se às ameaças externas recorrentes que o país enfrenta. Dessa forma, o que é possível esperar do desenvolvimento do Siden na Segurança e na Defesa do país?

Em meio ao processo de renovação de suas capacidades estratégicas, a Colômbia vem avançando nas ações direcionadas ao fortalecimento das forças militares do país. Para a Marinha colombiana, através do investimento de US\$ 430 milhões, foi realizada a assinatura do processo de construção da primeira Plataforma Estratégica de Superfície, a qual, através da parceria do estaleiro *Cotecmar* com o Grupo de Estaleiros *Damen Shipyards Group*, apresentou a nova fragata

leve: *PES 10714C*, que estará equipada com armamento procedente de Coreia do Sul, Espanha, França e Itália. Por sua vez, o Exército – com a ajuda de investimentos de US\$ 407 milhões – adquiriu o *Elbit Systems Artmos* 6x6 de 155x52mm, um sistema de artilharia autopropulsado que permite a operação autônoma do veículo e um conjunto de carregamento automático, promovendo maior poderio de fogo.

Por outro lado, os expressivos investimentos nas Forças Armadas associados à gestão de Petro ressaltam a urgência do governo colombiano pela modernização de seus ativos, considerando as recorrentes ameaças à soberania do país, como as incursões do governo venezuelano no território em operações de combate às drogas, a possível vigilância da Rússia nas áreas de fronteira com a Venezuela e as tensões diplomáticas com Israel devido aos posicionamentos contrários à atuação deste país em Gaza.

Portanto, nota-se que os desdobramentos efetuados a partir do Siden já delineiam o tipo de reestruturação militar que a Colômbia pretende adotar para 2024, investindo em equipamentos mais modernos e adaptados a uma realidade complexa nos contextos nacional e regional. Considera-se Bogotá, assim, um ator capaz de empregar meios para dissuadir potenciais ameaças que possam colocar em risco suas Segurança e Defesa.



As perspectivas econômicas de Cuba

Taynah Pires Ferreira

Em meio a escassez de itens básicos e instabilidades energéticas, Cuba enfrenta uma grave crise econômica ([Boletim 135](#)). A pandemia de Covid-19 e o endurecimento do embargo econômico à ilha imposto pelo governo de Donald Trump (2017-2020) e mantido durante a administração de Joe Biden (2021-) agravam o problema. Para 2024, o governo cubano apresentou um plano de ajustes macroeconômicos, visando reduzir os gastos governamentais. No entanto, as medidas apresentadas se mostram contraproduativas para a estabilização socioeconômica do país. Tendo em vista o cenário atual, questiona-se quais as possíveis perspectivas econômicas de Cuba, levando-se em consideração aspectos domésticos e internacionais.

O cenário econômico cubano vigente é resultado de uma série de fatores internos e externos. Nesse sentido, os impactos da pandemia afetaram diretamente um dos principais setores econômicos do país: a indústria do turismo. Além disso, destaca-se a imposição de novas sanções pelos Estados Unidos, que auxiliaram no desgaste econômico cubano ([Boletim 104](#)). Por conseguinte, observa-se uma contração do PIB em 2023 e um descontrole inflacionário. Como forma de estabilizar a economia da ilha, o presidente Miguel Díaz-Canel anunciou uma série de ajustes macroeconômicos que preveem o aumento das tarifas de eletricidade e uma modificação das regras de subsídio estatal para itens básicos.

O atual plano de recuperação econômica, no entanto, impõe novos desafios à sociedade cubana, além de não apresentar medidas específicas para a redução da escassez de alimentos e da instabilidade energética. Nessa conjuntura, cabe ao governo desenvolver planos estratégicos que visem à alocação de recursos para a ampliação da produção de alimentos a fim de garantir a autonomia de distribuição local. Ademais, a crise energética prova a necessidade de diversificação das fontes, visto que 80% da energia do país é proveniente de derivados de petróleo, segundo a Agência Internacional de Energia. Pontua-se também que a falta de investimentos internacionais representa um entrave para o crescimento cubano. Destaca-se, nesse sentido, o papel da Rússia como um parceiro estratégico, enquanto instituições privadas russas têm demonstrado interesse em investir em setores elementares para o desenvolvimento da economia cubana, tais como agricultura, indústria, energia e outros ([Boletim 174](#)).

Em síntese, considera-se relevante a adoção de medidas que garantam autonomia na provisão de itens básicos e a soberania energética no país. Tais reajustes requerem a implementação de planos voltados para o desenvolvimento estratégico de Havana, priorizando os setores agrícola, energético e do turismo. Também cabe pensar em formas de atração de investimento externo, auxiliando-se no crescimento econômico e comercial e assegurando-se a soberania nacional de Cuba.



O papel da Marinha da Namíbia no Atlântico Sul

Mariana Fraguito

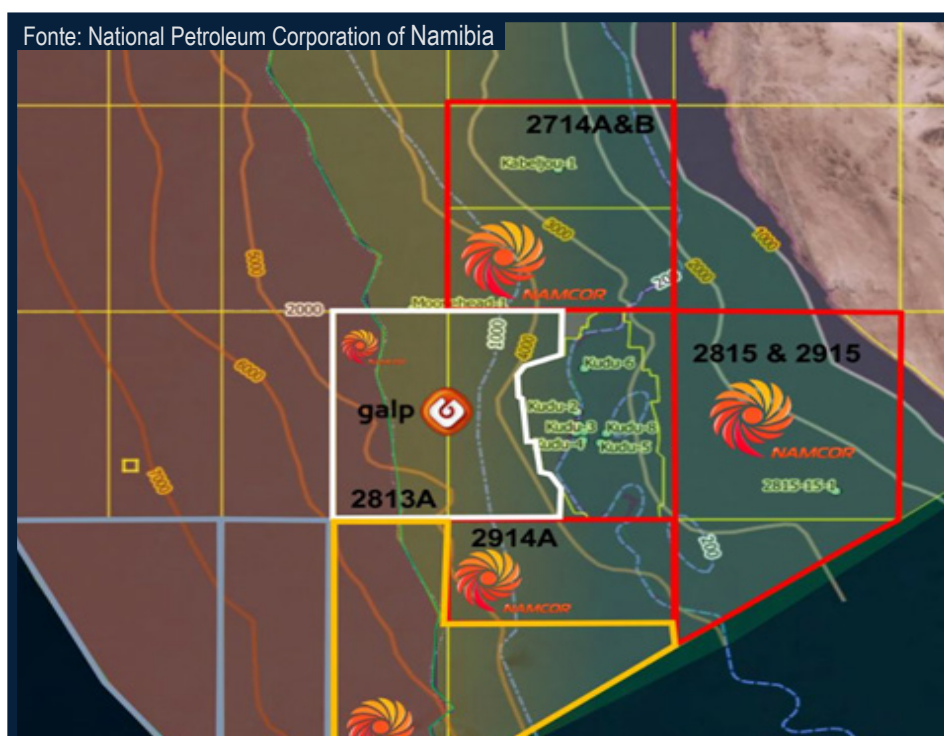
A Namíbia, localizada na costa ocidental africana, é palco de interesses extrarregionais pela presença de diversos recursos energéticos. O país possui o porto de Walvis Bay, um dos principais da região, com acesso direto às principais rotas de comércio mundial, e que recebe aproximadamente 3.000 navios, movimentando 5 milhões de toneladas de carga por ano. Além disso, descobertas de campos de petróleo *offshore* foram anunciadas pela Corporação Nacional de Petróleo da Namíbia (NAMCOR) em janeiro de 2024. Essa é a quarta descoberta significativa na região após a primeira, em 2022 — considerada a esperança para o desenvolvimento econômico do país. Isso, por sua vez, atrai cada vez mais atores extrarregionais. Assim, questiona-se: qual é o papel da Marinha da Namíbia nesse cenário?

A presença marítima no Atlântico Sul é de extrema importância para a promoção de segurança e cooperação entre os países que fazem parte do contexto estratégico desse país. O Brasil desempenha um papel significativo nesse processo, mostrando-se presente desde o estabelecimento da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS) em 1986. Ademais, o Estado brasileiro também apoiou, por intermédio da Marinha do Brasil, a formação da Marinha de Guerra da Namíbia, com um acordo de cooperação marítima desde

1994. Desde então, o Estado africano vem reafirmando seu poder marítimo através de exercícios navais e de cooperação com Marinhas regionais e extrarregionais.

Um exemplo da presença de potências extrarregionais é o da Marinha da Índia, com a missão do navio de patrulha INS *Sumedha* em Walvis Bay, que ocorreu em novembro de 2023 e teve como fim fortalecer laços de amizade já existentes com os países africanos. A intenção da Índia, com seu crescimento econômico acelerado, pode ser a cooperação com países importantes no contexto energético do continente africano ([Boletim 183](#)), visando à expansão de influência regional e de acesso aos recursos para sustentar seu crescimento. Portanto, essa atuação pode ser um fator de preocupação para a região.

O caso da Namíbia é importante para demonstrar como um espaço marítimo seguro e estável é essencial para o desenvolvimento de atividades econômicas. Nesse sentido, a Marinha da Namíbia é fundamental para a garantia de segurança da navegação, realização de busca e salvamento (SAR, em inglês) e manutenção das linhas de comunicação marítimas, especialmente pela relevância do porto de Walvis Bay. Assim, destaca-se a relevância da assessoria prestada pela Marinha brasileira, e o potencial de participação de empresas do país, no aumento das capacidades navais da Marinha namibiana.



Corporação Nacional de Petróleo da Namíbia anuncia descoberta de bloco de petróleo offshore na Bacia Orange.

DOI 10.21544/2446-7014.n196.p08.

Instabilidades na Sérvia e a complexa arena geopolítica dos Balcãs

Maria Clara Vieira Schneider Vianna

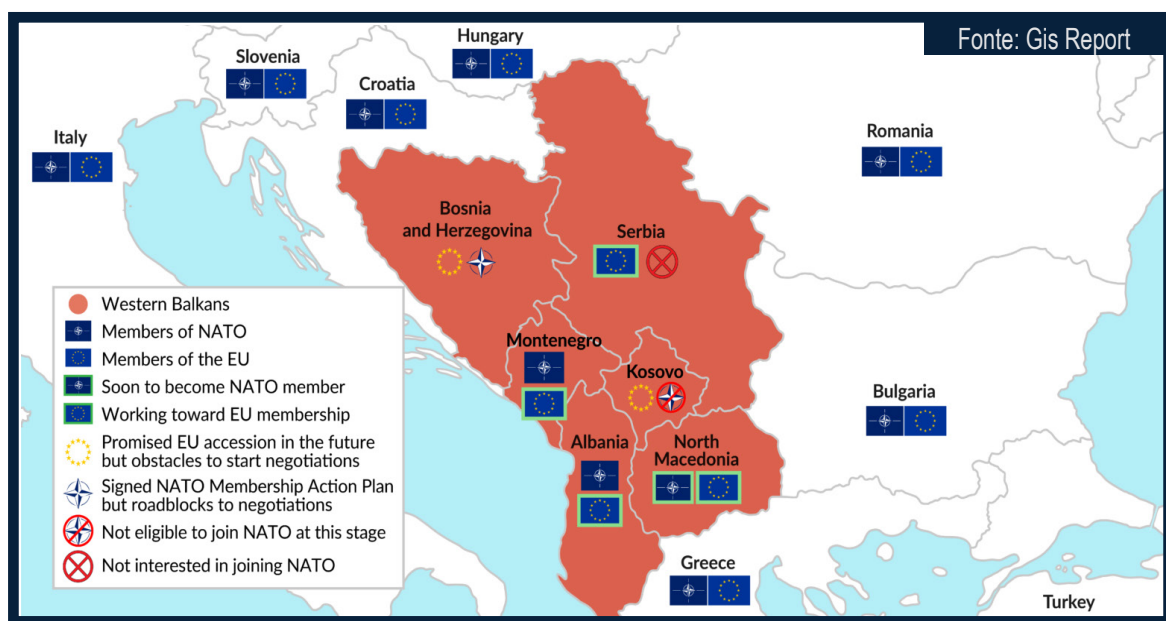
Os Balcãs são, historicamente, um território conturbado: desde a dissolução da antiga Iugoslávia, a partir dos anos 1990, os países da região tentam conciliar uma busca pela União Europeia (UE) sem se desfazer completamente dos laços com a Rússia. A essa dinâmica regional somam-se as próprias tensões internas, oriundas dos processos de independência locais, como é o caso do Kosovo, território sérvio autodeclarado independente, mas ainda não reconhecido pelo país. A Sérvia, candidata à UE, resistiu às pressões do bloco e não impôs sanções à Rússia pelo conflito na Ucrânia. Em dezembro de 2023, seguindo as eleições parlamentares sérvias, protestos nacionais irromperam para contestá-las, e surgiram alegações de influência russa no resultado. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a atual instabilidade na Sérvia e a aproximação dos países balcânicos com a Rússia.

Manifestações pedindo por uma nova eleição levaram milhares de sérvios às ruas, sugerindo que os resultados positivos ao atual presidente seriam devido a uma “fraude orquestrada por seu partido”. O governo da Sérvia, então, alegou que a UE estaria apoiando os protestos em uma espécie de campanha de desestabilização. Entretanto, um representante da Comissão Europeia negou as acusações, equiparando-as à propaganda russa. De certa forma, a instabilidade sociopolítica dos protestos é elevada a

mais uma disputa entre a UE e a Rússia. A UE costuma agir com cautela em relação à Sérvia devido às tensões referentes à independência de Kosovo, que é reconhecida pela maioria dos países do bloco. Porém, a crescente presença russa nos Balcãs torna iminente a necessidade de a UE reforçar suas posições na região.

A esse contexto soma-se a aproximação Hungria-Rússia, que ocorreu pouco antes da invasão russa à Ucrânia, unindo dois países com interesses de expandir suas influências na Sérvia e nos Balcãs como um todo. Ressalta-se a superação do entrave húngaro na liberação de assistência para a Ucrânia durante a Cúpula da UE realizada em 01 de fevereiro deste ano. Budapeste ter se voltado para Moscou significou um afastamento da UE e do bloco ocidental, fazendo com que o apoio a Belgrado seja estratégico para o fortalecimento da relação russo-húngara. Assim, a articulação dos interesses húngaros na vizinha Sérvia junto à possibilidade de um novo front — ainda que não imediatamente militar — no conflito ucraniano representa uma estratégia histórica russa de exploração dos problemas socioeconômicos europeus.

Analisando-se esse cenário, conclui-se que a situação nos Balcãs reflete não apenas os desafios internos da Sérvia, mas também uma arena complexa de rivalidades geopolíticas, que exigirá uma abordagem cuidadosa por parte da União Europeia.



Novo momento no Oriente Médio: “retorno” do Estado Islâmico após período de contenção

Amanda Marini

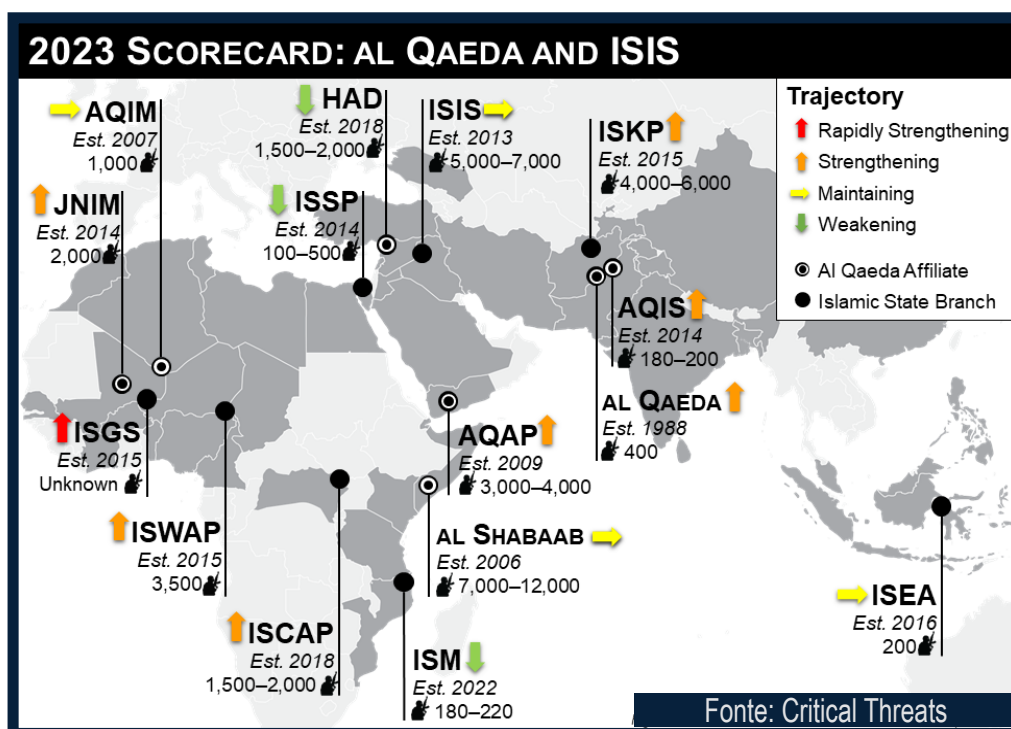
A geopolítica do Oriente Médio é caracterizada por conflitos intra e interestatais nos quais a presença de atores estatais e não estatais se faz notória e atuante, conferindo assim um elevado número de elementos para a análise conjuntural. Ao observar-se o retorno e a presença do Estado Islâmico (ISIS, no acrônimo em inglês) na localidade, esse cenário se torna cada vez mais verídico e fundamentado. No que se refere à ingerência de atores extra-regionais, no início de janeiro, diante deste panorama de expansão e crescimento do grupo, os Estados Unidos confirmaram o envio de 1.500 militares para o Iraque e a Síria, tendo como objetivo auxiliar no combate ao ISIS. Isto posto, quais são as implicações do reaparecimento desse ente para o tabuleiro geopolítico regional?

Apesar de contido após o período de auge, entre 2014 e 2017, quando comandou e controlou significativas porções territoriais no Oriente Médio com base em terror, coerção e amedrontamento, o ISIS nunca deixou de existir, realizando ações de insurgência e baixa intensidade local em pequenas e tímidas porções territoriais, especialmente na Síria e no Iraque. Contudo, nas últimas semanas o grupo reivindicou atos de grande escala, sendo os mais notórios os ataques durante as

homenagens pelos quatro anos do falecimento do general iraniano Qasem Soleimani, a morte de soldados iraquianos e o ataque a uma igreja na Turquia. Vale ressaltar que Soleimani foi comandante das tropas iranianas que enfrentaram e derrotaram militarmente o grupo terrorista na década passada, e esta ação de bombardeios também apresenta um alto valor simbólico, retratando que o grupo anseia retornar o papel que já teve.

Neste âmbito de se reerguer e restaurar sua atuação, o ISIS conduz alterações geopolíticas, especialmente na área de Segurança e Defesa, pois suas principais receitas advêm de saques, contrabando e venda de obras de arte e relíquias arqueológicas no mercado ilegal, além de sequestros e tráfico de drogas ([Boletim 2](#)). Ademais, outro aspecto da ordem geopolítica é que o Estado Islâmico, almejando restabelecer sua influência, torna-se mais uma variável com capacidade de atuação regional entre atores de peso, como Irã e Arábia Saudita — principalmente no contexto atual do conflito entre Israel e o Hamas, ator paramilitar com quem o ISIS possui hostilidades e diferenças.

Sendo assim, as implicações do retorno desse grupo se centram na capacidade não apenas de afetar e envolver vários atores, mas de alterar o curso geopolítico local em uma região tão instável.



Conflito Rússia-Ucrânia: as capacidades russas no Mar Negro

Rafael Esteves

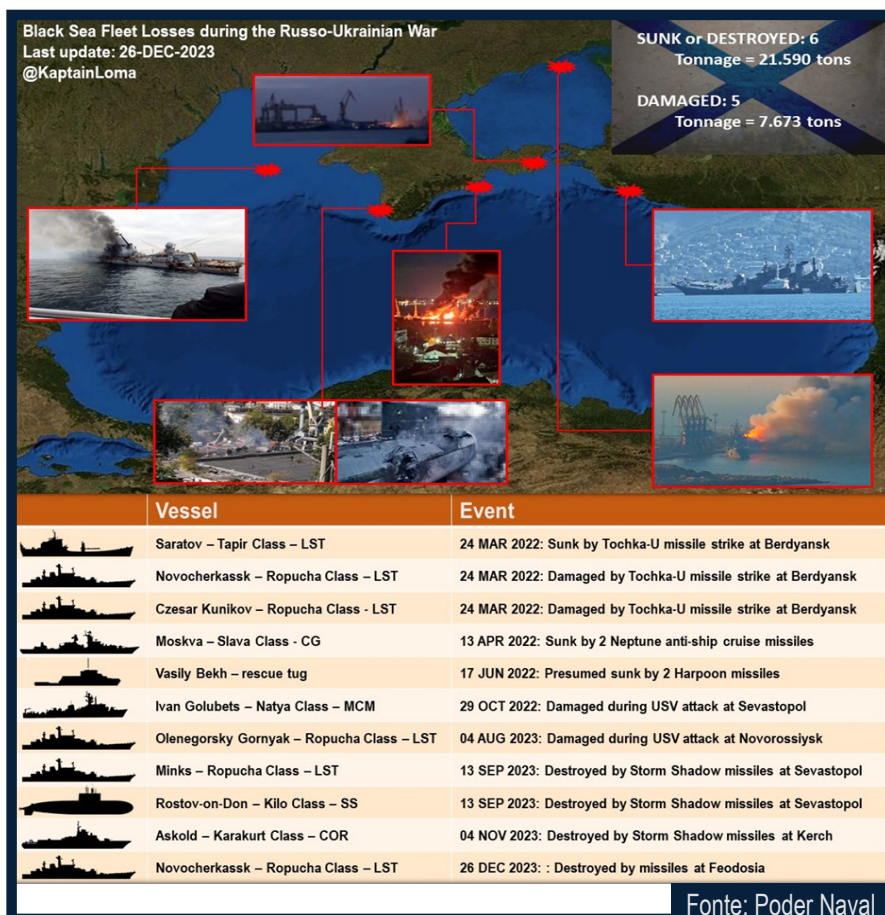
Devido à sua localização estratégica e por ser uma tradicional zona de influência russa, o Mar Negro é de fundamental importância para Moscou, considerando também que é onde se localiza um dos mais importantes portos da Rússia, o de Novorissik. Dessa forma, é natural que o Kremlin invista em recursos e esforços na região, buscando preservar seu controle frente aos projetos de adversários globais, como é o caso do conflito russo-ucraniano. Nesse contexto, nota-se que as Forças Armadas russas vêm tendo problemas para a projeção de poder na região. Assim, questiona-se: quais são as atuais capacidades da Rússia para projetar poder no Mar Negro?

O Mar Negro tem uma grande importância na estratégia internacional russa. Primeiramente, é uma região marítima onde é possível navegar durante todo o ano, sem o risco de congelamento. Outro ponto importante é a necessidade do Mar Negro para projetar influência pelo Oriente Médio e pelo Mediterrâneo, particularmente a partir dos meios navais, tendo em vista a proximidade geográfica dessas sub-regiões. Como exemplo, foi apenas após a anexação da península da Crimeia pela Rússia em 2014 que o país começou a ter participação direta nos conflitos da Líbia e da Síria. Diante desse cenário, a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ao

longo das últimas décadas acabou minando o controle russo sobre a região. Isso proporcionou uma estratégia agressiva por parte de Moscou para a manutenção de sua influência, exemplificada nas hostilidades contra a Ucrânia.

No início do conflito russo-ucraniano, Moscou conseguiu privar, em grande medida, a projeção de poder naval de Kiev, com a destruição dos seus meios de superfície. Apesar disso, a Marinha russa ainda não conseguiu obter total controle da costa nem incapacitar as Forças Armadas ucranianas de realizar operações marítimas na parte ocidental do Mar Negro, o que pode ser comprovado pelos diversos ataques de drones a embarcações russas, como o caso da corveta *Ivanovets* no começo de fevereiro. Essas dificuldades comprometem as operações militares russas, além de facilitar ataques ucranianos à Crimeia.

Diante disso, entende-se que o ataque à corveta russa foi uma demonstração de que a Rússia não tem a total projeção de poder naval sobre a Ucrânia, com Kiev sendo capaz de elaborar operações bem-sucedidas pelo Mar Negro ocidental. Tais questões implicam em dificuldades aos militares russos e na vulnerabilidade de suas bases na Península da Crimeia.



Uma leitura geopolítica das eleições taiwanesas

Philippe Alexandre

As primeiras semanas de 2024 foram desafiadoras no entorno estratégico da China, devido a acontecimentos envolvendo países aliados e fronteiriços. No entanto, a eleição presidencial em Taiwan é o fato de maior potencial para a mobilização das Forças Armadas e o mais influente para os interesses nacionais da liderança chinesa, para as relações sino-americanas, assim como para a economia internacional. Considerando-se essa conjuntura, cabe ponderar sobre as possíveis consequências dos resultados eleitorais taiwaneses.

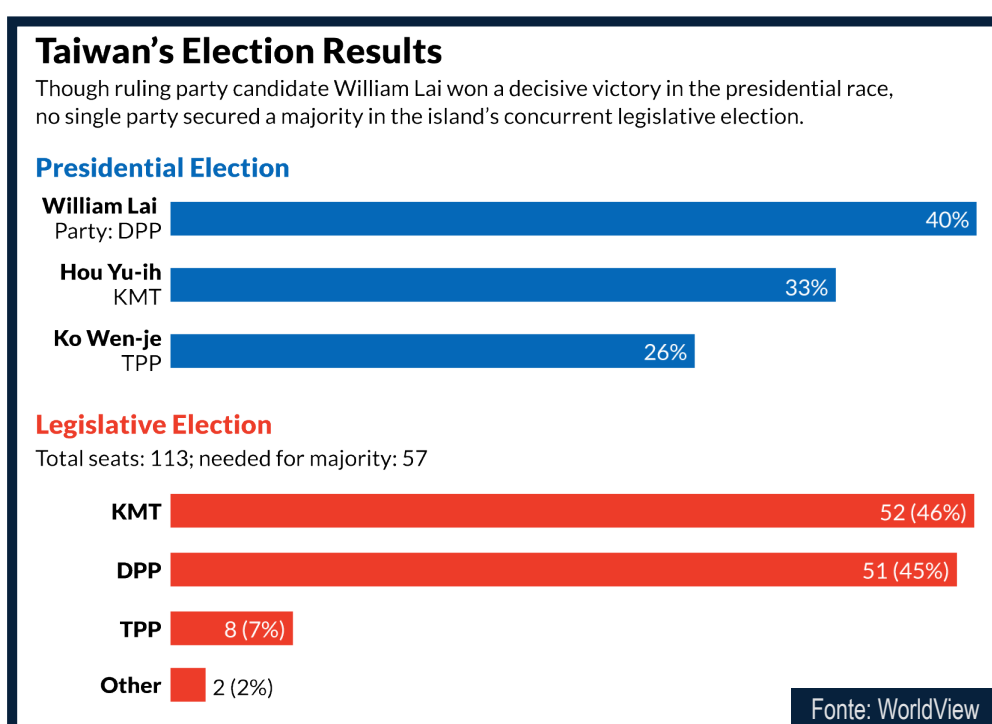
Em Taiwan, a principal pauta política nas eleições presidenciais são as relações entre a ilha e o continente. A vitória de Lai Ching-te do Partido Progressista Democrático (PPD), com 40,05% dos votos válidos, demonstra que a perspectiva crítica a Pequim está sedimentada na opinião pública interna. Contudo, se é verdade que o cenário político doméstico de Taiwan é desafiador aos interesses de Pequim, o cenário geopolítico pós-eleições demonstrou-se favorável.

Dois dias após as eleições, o Presidente de Nauru, David Adeang, anunciou o reconhecimento da República Popular da China e o rompimento com a República da China. O número de países que reconhecem a soberania de Taiwan tem diminuído, e atualmente é de 12. Desde que o PPD está no poder, dez países cortaram relações com a ilha: Burkina Faso, El Salvador, Honduras, Ilhas Salomão, Kiribati,

Nauru, Nicarágua, Panamá, República Dominicana e São Tomé e Príncipe.

Além disso, segundo o porta-voz da chancelaria chinesa, em 19 de janeiro de 2024, mais de 100 países e organizações internacionais reiteraram o compromisso com o princípio “Uma Só China”. Destaca-se a declaração do Presidente Joe Biden, do dia 13 de janeiro, de que os Estados Unidos (EUA) não apoiam a independência da ilha. O intuito é evitar um conflito armado diante de um movimento declaradamente emancipatório de Taipei com apoio internacional. Segundo estimativas da *Bloomberg Economics*, uma guerra em Taiwan custaria US\$ 10 trilhões, afetando as linhas de comunicação marítima do entorno e a cadeia de suprimentos global, também causando a deterioração do PIB da ilha (a maior ofertante de semicondutores do mundo) em 40%, e as economias chinesa e estadunidense em 16,7% e 6,7%, respectivamente, no primeiro ano do conflito.

Portanto, é pouco provável que o resultado das eleições taiwanesas altere suas relações com a China, as relações entre EUA-China ou a economia internacional, pois os custos de um conflito armado na região são demasiadamente grandes, e nenhum lado está disposto a arriscar nos curto e médio prazos. A baixa probabilidade de guerra, o fato de os EUA considerarem o *status quo* e a perda de reconhecimento internacional são fatores que têm dado a Pequim vantagens estratégicas.



DOI 10.21544/2446-7014.n196.p12.

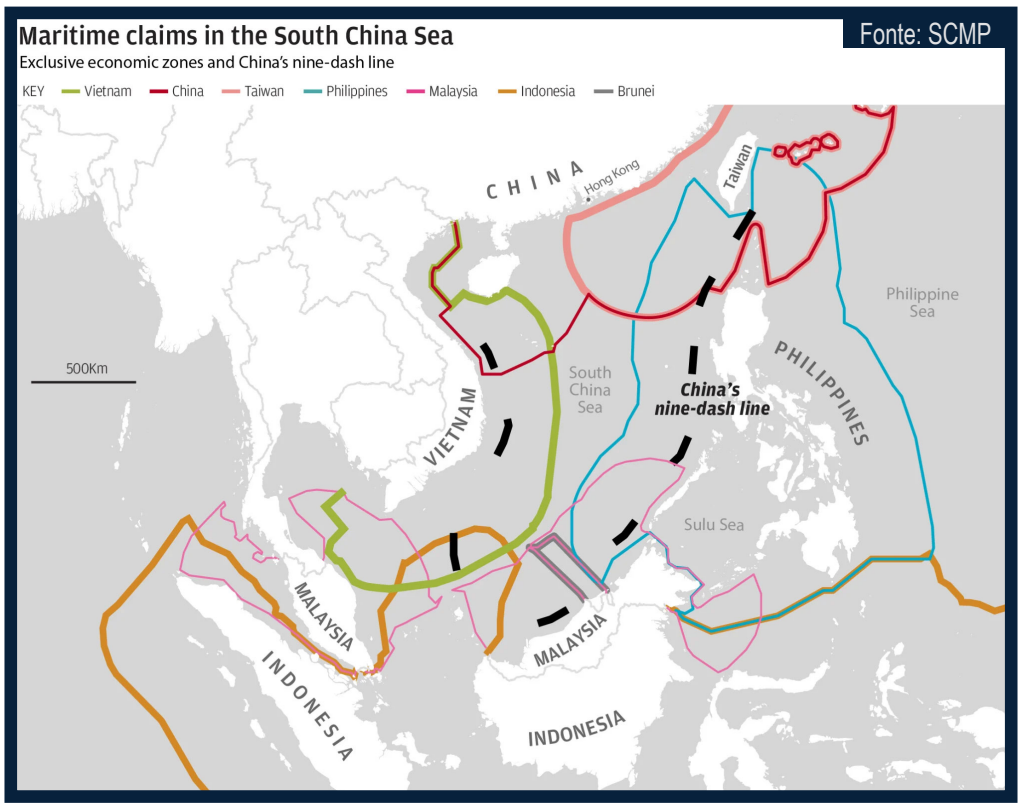
Em janeiro de 2024, Pequim anunciou os resultados de sua mais recente pesquisa oceânica. Segundo a rede de notícias CGTN, pesquisadores completaram um estudo de escala 1:1.000.000 da configuração submarina do Mar do Sul da China (MSC), descobrindo 36 novas formações geográficas no fundo do mar e apresentando os nomes oficiais em mandarim de 384 estruturas submarinas. O ganho científico desses estudos é de relevância incontestável para a China, porém vale também questionar quais ganhos geopolíticos a potência assegura ao consolidar suas pesquisas submarinas.

O MSC é uma das regiões de maior tensão na atual conjuntura global (Boletim 192). Palco de disputas territoriais entre China e países do Sudeste Asiático, é também parte de importantes rotas comerciais e detentora de reservas de petróleo, gás natural e terras-raras. Em termos estratégicos, o estudo do leito do MSC é fundamental para a produção de mapas e cartas náuticas. Para a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, em inglês), isso representa uma vantagem, especialmente no que tange ao uso de submarinos, uma vez que, para proteger as áreas reivindicadas, a PLAN se utiliza da dissuasão, distribuindo seu contingente de submarinos classe *Jin Type 094* ao longo da Linha de Nove Traços (linha utilizada para demarcar as

reivindicações territoriais da China no MSC). Além disso, Pequim visa consolidar a exploração das reservas naturais do MSC, e para isso é imperativo o mapeamento das estruturas geológicas.

Os objetivos de Pequim são ambiciosos e, a fim de garanti-los, o governo adotou uma abordagem que engloba múltiplos setores da sociedade. Sob a égide da *Military-Civilian Fusion Strategy*, a pesquisa oceânica conduzida pela China burla as linhas entre as instâncias militares e civis. Muitas das embarcações utilizadas nos levantamentos do fundo do mar são vinculadas à PLAN ou a organizações próximas a ela, como a *Chinese Academy of Science*. O uso dessas embarcações de pesquisa gera preocupações não só no MSC, mas também no Oceano Índico (Boletim 193), já que muitos países questionam as verdadeiras intenções das missões científicas promovidas pela China.

Em suma, o leito oceânico do Mar do Sul da China é mais uma esfera de projeção chinesa. Seja através da nomeação das estruturas submarinas ou da atuação de embarcações civis e militares, é notável a preocupação de Pequim. Diante das crescentes tensões na região, faz-se necessário observar as disputas que ali se desenrolam e que podem se espalhar sob as ondas do Oceano Pacífico.



Resultados eleitorais em Bangladesh: a jornada tumultuada da política bengali e a Liga Awami

Gabriela Santos

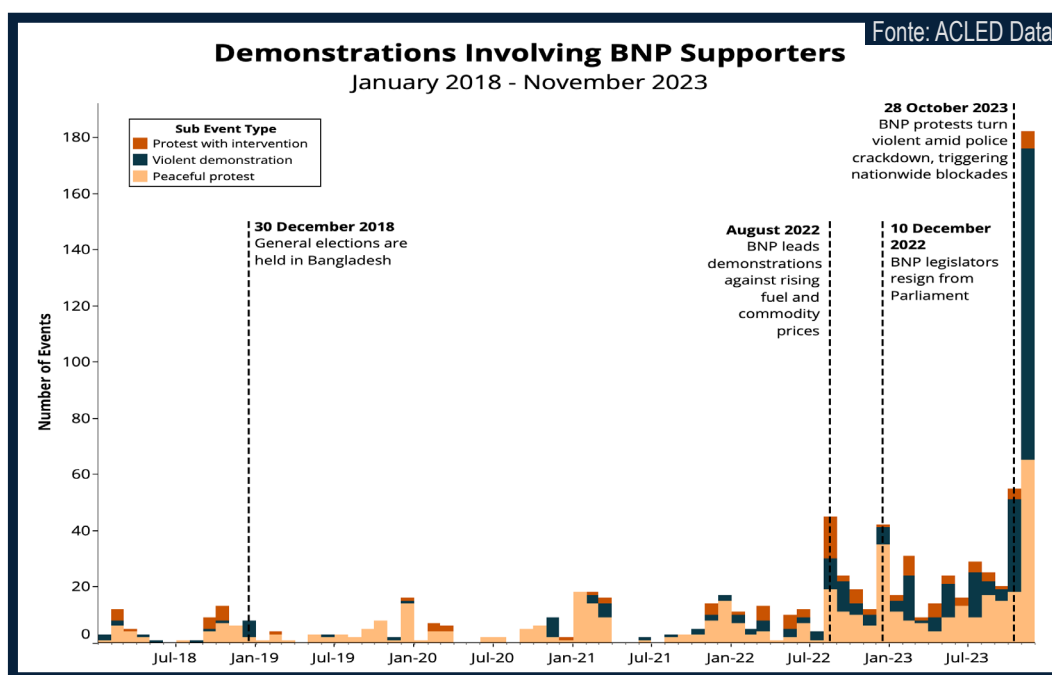
No dia 07 de janeiro, diante de boicotes eleitorais e prisões de membros da oposição, Sheikh Hasina garantiu seu quarto mandato consecutivo como Primeira-ministra de Bangladesh. Face a um cenário político interno turbulento e à relevância do país enquanto potência emergente na Região do Oceano Índico (ROI), propõe-se analisar o cenário político bengali sob a égide da Liga Awami.

Partido político mais antigo de Bangladesh, a Liga Awami surgiu em 1949, após a partição do subcontinente indiano entre Índia e Paquistão — antes mesmo da criação do país. A então Liga Awami do Paquistão Oriental se solidificou enquanto um movimento inicialmente progressista e secular, voltado aos interesses da população bengali paquistanesa. A partir da independência de Bangladesh, em 1971, a Liga protagonizou a reconstrução do país sob a liderança de Sheikh Mujibur Rahman — fundador do Estado bengali e pai da atual Primeira-Ministra — e sua política externa de “amizade para com todos, malícia para com ninguém”. Em que pese à crise econômica e à fome severa no pós-independência, conquistas importantes foram alcançadas sob a gestão da Liga, como a introdução do parlamentarismo, a reabilitação de milhões de refugiados abrigados na Índia, o estabelecimento da Constituição de Bangladesh e a assinatura do Tratado de Amizade Índia-Bangladesh. Após o assassinato de Mujibur, em 1975, a Liga voltou

ao poder de 1996 a 2001, e de 2009 em diante — em ambos os períodos sob a liderança de Sheikh Hasina e marcados por conflitos políticos, em especial com o partido de oposição, o Partido Nacionalista de Bangladesh (BNP, na sigla em inglês).

Violações de direitos humanos, assassinatos políticos, problemas quanto às migrações transnacionais e escândalos de fraude eleitoral vêm pautando a tumultuada história bengali, durante o que, mais recentemente, tem parecido uma derrocada à autocracia. Em contrapartida à perdurável agitação política interna, a Liga manteve um desempenho razoavelmente bom nos círculos internacionais, especialmente nos últimos anos, visto que Dhaka tornou-se um ator importante no Indo-Pacífico, atraindo a atenção de atores globais que almejam consolidar suas posições na ROI ([Boletim 194](#)).

Hasina tende a dar continuidade às políticas bengalis voltadas ao Indo-Pacífico em prol de maior estabilidade regional. No entanto, o cenário caótico em torno das eleições recentes apresenta empecilhos. Diversos atores têm pressionado a Liga por valores mais democráticos — Washington chegou a criticar as “eleições injustas e violentas”. Dado que o país se beneficia significativamente de subsídios estrangeiros, o retrocesso democrático em Bangladesh pode ameaçar seu desenvolvimento econômico e a resiliência da Liga Awami.



DOI 10.21544/2446-7014.n196.p14

Nova estação antártica indiana: alcance de capacidades tecnológicas nacionais

Gabriele Hernandez

Enquanto um dos Estados com maior potencial tecnológico e de desenvolvimento, a Índia dispõe de significativa presença na Antártica, e aos poucos busca melhorar sua infraestrutura polar de modo a equipará-la com as capacidades de que o país dispõe ([Boletim 162](#)). Em dezembro de 2023, o governo deu início ao processo de construção de uma nova estação antártica para substituir a estação *Maitri*, reforçando a participação indiana no polo sul.

Durante a década de 1950, a questão da governança antártica não encontrava uma solução que apaziguasse os ânimos entre os sete reivindicantes territoriais e os demais Estados que se interessavam pelo continente, tensionando relações entre inimigos e aliados ocidentais, especialmente nos primeiros anos da Guerra Fria e do mundo pós-nuclear. Em 1956, seguindo a linha de seu processo de independência e descolonização, a Índia sugeriu levar a disputa pela Antártica à ONU e deixar nas mãos da organização a gestão continental. A medida foi arduamente rechaçada por argentinos e chilenos, e, por fim, substituída pelo Tratado da Antártica, mas indicou que a Índia: i) acompanhava a questão antártica de perto; ii) adotava uma postura de governança que seguia na direção oposta àquela imposta pelo Império Britânico durante os anos de colonização.

Embora o país assumisse posição decolonial em relação à Antártica, os interesses indianos na região foram se moldando ao longo do tempo. Tornou-se membro consultivo em 1983 — assim como o Brasil —, e desde então construiu três estações de pesquisa: *Dakshin Gangotri*, *Bharati* e *Maitri*, esta última inaugurada em 1988, com vida útil prevista de apenas dez anos, mas que manteve-se ativa até os dias atuais. Além da substituição da estação *Maitri*, o governo também indicou a criação de seu primeiro navio de pesquisa polar, garantindo que a Índia se mantenha no continente independentemente pelas próximas décadas e reforçando seus interesses regionais.

A Antártica é a fronteira final da estratégia marítima indiana no Oceano Índico, cujo leito oceânico se insere nos planos de exploração energética do país. O entorno estratégico indiano também se encontra na área de crescente influência chinesa, indicando que questões de primazia regional, embora distantes, afetam a geopolítica antártica no grande quadro de sua governança. Os desafios indianos, no entanto, envolvem estabelecer uma política antártica própria e assimilar uma estratégia que alie os objetivos de política externa, de defesa, ambientais e energéticos, uma vez que, além do fantasma do imperialismo, a Índia lida com a presença chinesa cada vez mais próxima de seus interesses.



- ▶ [Bridging Gaps Between the Geosciences and National Security](#)
EOS, Chirico, Peter. Molnia, Bruce. Nguy-Robertson, Anthony. Opstal, Dan.
- ▶ [A New Concept: Military Assistance to Protect the Environment](#)
RUSI, Milburn, Richard.
- ▶ [American Greatness and Decline](#)
PROJECT SYNDICATE, Nye Jr, Joseph.
- ▶ [The Next Global War](#)
FOREIGN AFFAIRS, Brands, Hal.
- ▶ [Naval Special Warfare Will Have to Fight Differently](#)
U.S NAVAL INSTITUTE, Cropsey, Seth.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Fernanda Császár

FEVEREIRO

Principais eventos de 08 a 22 de Fevereiro

08-09

**BÉLGICA**CÚPULA EUROPEIA DAS
CHANCES CLIMÁTICAS

09-10

**AUSTRÁLIA**7ª CONFERÊNCIA DO
OCEANO ÍNDICO

12-14

**EMIRADOS
ÁRABES UNIDOS**CÚPULA MUNDIAL DE
GOVERNOS

13-14

**FRANÇA**REUNIÃO MINISTERIAL DA
AGÊNCIA INTERNACIONAL DE
ENERGIA

14

**INDONÉSIA**ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS

16-18

**ALEMANHA**CONFERÊNCIA DE
SEGURANÇA DE MUNIQUE

17-18

**ETIÓPIA**37ª SESSÃO ORDINÁRIA DA
CONFERÊNCIA DOS CHEFES
DE ESTADO E DE GOVERNO
DA UNIÃO AFRICANA

20-23

**TAILÂNDIA**FÓRUM DA ÁSIA-PACÍFICO
PARA O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

- **A crise de segurança no Equador**

OÑA, Pablo Velasco; QUEVEDO, Carolina Andrade. [Ecuador: puntos clave para comprender la ola de violencia](#). *Le Grand Continent*, 18 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

PINZÓN, Catalina Gil. [Ecuador, don't follow in the footsteps of Colombia and Mexico](#). *El País*, 19 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

- **O ambicioso fortalecimento do Sistema de Defesa Nacional da Colômbia em 2024**

SAUMETH, Eric. [Colombia proyecta la materialización completa de su Sistema de Defensa Nacional para 2024](#). *Infodefensa*, 15 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

SAUMETH, Eric. [Colombia y la materialización de su Sistema Integral de Defensa Nacional](#). *Infodefensa*, 18 abr. 2024. Acesso em: 30 jan. 2024.

- **As perspectivas econômicas de Cuba**

CARRANZA, Julio. [Cuban economy on the threshold of 2024: crisis, challenges and opportunities](#). *OnCuba News*, 29 dez. 2023. Acesso em: 18 jan. 2024

KNOBLOCH, Andreas. [Cuba's economic crisis: Will a paradigm shift help?](#). *DW*, 04 jan. 2024. Acesso em: 18 jan. 2024

- **O papel da Marinha da Namíbia no Atlântico Sul**

[INS Sumedha mission deployed at Walvis Bay, Namibia](#). *Maritimafrika*, 13 nov. 2023. Acesso em: 14 nov. 2023.

[Major Oil Discovery Unveiled Offshore Namibia](#). *Xinhua*, 10 de jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

- **Instabilidades na Sérvia e a complexa arena geopolítica dos Balcãs**

FRIEDMAN, George. [Europe Comes to Boil: the Balkans, Hungary and Russia](#). *Geopolitical Features*, 12 jan. 2024. Acesso em: 18 jan. 2024.

BARBER, Tony. [Why is the EU soft on Serbia?](#). *Financial Times*, 13 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024.

- **Novo momento no Oriente Médio: “retorno” do Estado Islâmico após período de contenção**

[Why the Islamic State threat to Iran is growing?](#) *The New Arab*, 17 jan. 2024. Acesso em: 29 jan. 2024.

[US to send 1,500 troops to Syria and Iraq](#). *Middle East Monitor*, 15 jan. 2024. Acesso em: 29 jan. 2024.

- **Conflito Rússia-Ucrânia: as capacidades russas no Mar Negro**

[Russia Commutes U.S. Investor Calvey's Fraud Sentence After Guilty Plea](#). *The Moscow Times*, 01 fev. 2024. Acesso em: 01 fev. 2024.

BORSHCHEVSKAYA, Anna. [Understanding Russia's War on Ukraine Starts with Understanding Russia's Black Sea Politics](#). *The Washington Institute*, 20 set. 2023. Acesso em: 01 fev. 2024.

- **Uma leitura geopolítica das eleições taiwanesas**

KLEINTOP Jeffrey. [The Global Impact of Taiwan's Election](#). *Charles Schwab*, 16 jan. 2024. Acesso em: 20 jan. 2024.

BLOOMBERG. [If China invades Taiwan, it would cost world economy \\$10 trillion](#). *The Times of India*, 9 jan. 2024. Acesso em: 20 jan. 2024.

- **Disputa sob as ondas e os interesses chineses no leito oceânico**

[China unveils results of basic geological survey of South China Sea](#). *CGTN*, 24 jan. 2024. Acesso em: 31 jan. 2024

SABELLON, Vince Andre C. [Look Into China's Race to the Seabed: Understanding China's Future in the Deep Sea and its Potential Threat to the Philippines](#). *National Defense College of the Philippines*, 14 dez. 2023. Acesso em: 31 jan. 2024

- **Resultados eleitorais em Bangladesh: o que significam para as relações externas do país**

ANBARASAN, Ethirajan & NG, Kelly. [Bangladesh election: PM Sheikh Hasina wins fourth term in controversial vote](#). *BBC News*, 08 jan 2024. Acesso em: 19 jan. 2024

BOSE, Sohini. [Polls, politics, and foreign policy: Bangladesh in perspective](#). *Observer Research Foundation*, 12 jan. 2024. Acesso em: 19 jan. 2024

- **Nova estação antártica indiana: alcance de capacidades tecnológicas nacionais**

CHATURVEDI, Sanjay. India and Antarctica: **Towards post-colonial engagement?** In Brady, Anne-Marie (Organizadora): *The Emerging Politics of Antarctica*. Nova Zelândia, 2013, pp 92-126

SEQUEIRA, Newton. [Goa-based centre to build India's new Antarctica station](#). *Times of India*, 25 dez. 2023. Acesso em: 16 jan. 2024

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [UN warns of spike in killings and kidnappings across Haiti as deployment of armed force stalls](#). **AP News**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [US, Britain strike Yemen's Houthis in a new wave, retaliating for attacks by Iran-backed militants](#). **Associated Press**, 04 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Overnight Israeli airstrikes kill scores in Gaza as fears grow of push into Rafah | Israel-Gaza war](#). **The Guardian**, 04 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Israel says 'time running out' for diplomatic solution in south Lebanon](#). **Al Arabiya**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [Red Sea maritime situation worsens](#). **Defence Web**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- MIANMAR - Crise regional: [520 killed in 6-month violent attacks in Myanmar](#). **The Business Standard**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Dozens killed in strike on Russia-held Ukraine city](#). **BBC**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia Says It Has Blocked Websites Used by Al-Shabab](#). **Voa News**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: [Sudan Conflict Fuels World's Largest Internal Displacement](#). **Human Rights Watch**, 31 jan. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

► MÉDIO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Crise regional: [Azerbaijan says 'de facto peace' with Armenia needs treaty for finalization](#). **Daily Sabah**, 02 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- BELARUS - Crise regional: [Belarus Bolsters Border Security Amid Rising Tensions with Ukraine and NATO](#). **APA.AZ**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: ['No Soldiers, No Logistics, No Compassion': Burkina's Traore on Reasons for ECOWAS Withdrawal](#). **Sputnik**, 31 jan. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [Russia condemns Ecuador over decision to hand Russian military hardware to US for Ukraine - RIA](#). **Reuters**, 02 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.
- GABÃO - Crise política: [Appel de la Jeunesse Gabonaise pour la Transparence dans l'utilisation des 500.000.000 de sa ligne Budgétaire](#). **Gabon News**, 03 fev. 2024. Acesso em: 06 fev. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Iran says it 'will not hesitate' to respond to US attack on its territory](#). **Al Arabiya**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•IRAQUE - Crise regional: [Iraq says 16 people, including civilians, killed in 'new US aggression'](#). **Al Jazeera**, 03 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•MALI - Crise sociopolítica: [UN rights chief decries death of 50 people in Mali attacks](#). **Al Jazeera**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•NÍGER - [Crise sociopolítica: Four ways Niger exit from ECOWAS fit affect its relationship with Nigeria](#). **BBC Pidgin**, 02 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistan's economic crisis looms over last days of election campaign](#). **Nikkei Asia**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [SAAF Oryx riddled by small arms fire in the DRC; two crew injured](#). **Defense Web**, 02 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•SENEGAL - Crise política - **NOVO NO MAPA**: [Senegalese Lawmakers to Meet on Monday to Consider Extending President's Mandate, Report Says](#). **Sputnik**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•SÍRIA - Crise regional: [Syria drone attack: At least 6 Kurdish fighters killed on base housing US troops](#). **Associated Press**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela: 4 possíveis cenários para oposição após veto à principal adversária de Maduro](#). **BBC**, 04 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

► EM MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [US Exploring Consular Return to Afghanistan Without Recognizing Taliban Rule](#). **VOA News**, 02 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• COREIA DO NORTE - Crise regional: [N. Korea slams Seoul defense chief's anti-Pyongyang warning as 'catalyst' for clash](#). **The Korean Herald**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador election: Bukele heads towards landslide victory in reelection bid](#). **AP News**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• ETIÓPIA - Crises internas: [Horn of Africa: Ethiopia-Somaliland deal unsettles an already embattled region](#). **The Africa Report**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• GUIANA-VENEZUELA - Disputa regional: [Brazil's military reinforces border with Venezuela and Guyana due to Esequibo](#). **Reuters**, 03 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

•ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur Chief Minister meets Amit Shah amid renewed violence in State](#). **The Hindu**, 03 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Libyan parliament declares Zliten "devastated city" over groundwater crisis](#). **Libya Update**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: ['Gutter-level' talk: China-Philippines discord deepens over Taiwan](#). **Financial Times**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: Forced return of IDPs to conflict zones raises alarm](#). **Fair Planet**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Nicaragua: Priests need gov't approval of daily schedule](#). **Aleteia**, 02 fev. 2024. Acesso em: 02 fev. 2024.

• NIGÉRIA - Crises internas: [At Least Four Policemen Killed in Nigeria While Defending Station From Armed Attackers: Police](#). **Sputnik**, 04 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• PERU - Instabilidade sociopolítica: [Former Peruvian intelligence chief gets 19 years in prison for 1992 massacre of farmer](#). **AP News**, 31 jan. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade sociopolítica: [Central African Republic: \\$367.7 million needed to reinforce strictly humanitarian response in 2024](#). **Zawya**, 02 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: ['Deeply alarming': sevenfold increase in sexual attacks at Darién Gap, says Médecins Sans Frontières](#). **The Guardian**, 05 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• SÉRVIA E KOSOVO - Instabilidade regional: [Kosovo's block on the Serbian currency raises alarm in the EU and US](#). **Associated Press**, 04 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.

• TAIWAN - Disputas regionais: [NATO chief warns 'Taiwan could be tomorrow' at Trump bastion](#). **Nikkei Asia**, 01 fev. 2024. Acesso em: 05 fev. 2024.